

**O ENSINO INCLUSIVO DA LÍNGUA INGLESA A PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM ESCOLAS BILÍNGUES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: Um estudo de caso**

**TEACHING ENGLISH LANGUAGE TO INDIVIDUALS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN BILINGUAL EARLY CHILDHOOD EDUCATION SCHOOLS: A study case**

**LA ENSEÑANZA INCLUSIVA DE LA LENGUA INGLESA A PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN ESCUELAS INFANTILES BILINGÜES: Un estudio de caso**

**Christiane Rocha Coutinho<sup>1</sup>**

**Luã Armando de Oliveira Silva<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O trabalho utilizou da revisão bibliográfica para coleta de dados e fundamentação teórica, fazendo uso de uma tendência indutiva-dedutiva e tomando por procedimento a lógica exploratória-analítica. O objetivo deste trabalho foi analisar o ensino da língua inglesa para alunos com Transtorno do Espectro Autista, assim como verificar como se dá a aplicação de recursos visuais lúdicos e/ou concretos em sala de aula do ensino infantil, tendo como foco as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seus processos únicos de aprendizagem. Esta análise faz-se necessária visto a aplicação dos princípios de inclusão da pessoa com deficiência em aspecto amplo, apoiando-se sempre na equidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão. Transtorno do Espectro Autista. Educação Bilíngue.

**ABSTRACT:** The paper used a bibliographical review to collect data and theoretical foundation, using an inductive-deductive tendency and taking exploratory-analytical logic as a procedure. The objective of this work was to analyze the teaching of the English language to students with Autism Spectrum Disorder, as well as to verify how playful and/or concrete visual resources are applied in the early childhood classroom, focusing on children with Autism Spectrum Disorder and their unique learning processes. This

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Ensino Bilíngue pela faculdade Insted. Bacharel em Jornalismo e Arte Teatral pela Universidade da Cidade/RJ. E-mail: [christiane.coutinho@colegionota10.com.br](mailto:christiane.coutinho@colegionota10.com.br)

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. ORCID: 0000-0002-2791-6161. Professor do curso de Pedagogia da Faculdade Insted. Coordenador da Especialização em Educação Bilíngue na Faculdade Insted. E-mail: [luaarmando.linguistica@gmail.com](mailto:luaarmando.linguistica@gmail.com).

analysis is necessary given the application of the principles of inclusion of people with disabilities in a broad aspect, always based on equity.

**KEYWORDS:** Inclusion. Autism Spectrum Disorder. Bilingual education

**RESUMEN:** El trabajo utilizó una revisión bibliográfica para recolectar datos y fundamentación teórica, utilizando una tendencia inductiva-deductiva y utilizando como procedimiento la lógica exploratoria-analítica. El objetivo de este trabajo fue analizar la enseñanza del idioma inglés a estudiantes con Trastorno del Espectro Autista, así como verificar cómo se aplican recursos visuales lúdicos y/o concretos en el aula de primera infancia, centrándose en niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA) y sus procesos de aprendizaje únicos. Este análisis es necesario dada la aplicación de los principios de inclusión de las personas con discapacidad en un aspecto amplio, siempre basado en la equidad.

**PALABRAS CLAVE:** Inclusión. Desorden del espectro autista. Educación bilingüe.

## INTRODUÇÃO

A educação não é uma questão institucional. É uma questão humana. Não aprendemos pelo rigor das regras, mas por uma condição biológica. Nascemos para aprender. Restringir esse direito é violar a coerência da natureza: é tentar cercear a inteligência humana (Cunha, 2013).

No artigo, aborda-se uma revisão de literatura e estudo de caso acerca da prática do ensino inclusivo da língua inglesa a pessoas com Transtorno do Espectro Autista. No caso específico desta investigação, o recorte aplicado se refere àquelas que estudam em escolas bilíngues de educação infantil, e aos métodos de ensino utilizados no processo.

Primeiramente, verifica-se as garantias legais da pessoa com autismo, e como se é proposto o conceito de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Isto a partir das legislações brasileiras vigentes a respeito do tema. Sugere-se também uma reflexão acerca das práticas dentro da sala de aula, fazendo menção às metodologias ativas utilizadas, objetos do estudo de caso.

Nesse contexto, o trabalho propõe uma análise a partir de conceitos de equidade, na qual a educação inclusiva delimita as oportunidades em sala de aula

como sempre iguais a todos, independentemente de existência de neurodivergência.

## **O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS GARANTIAS LEGAIS DA PESSOA COM AUTISMO**

Para que seja possível uma abordagem apropriada a respeito da educação inclusiva, faz-se necessário que se visite o conceito de Transtorno do Espectro Autista, e suas implicações.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome clínica caracterizada por uma deficiência significativa de comunicação e interação social, conjuntamente com a existência de padrões restritivos de comportamento e interesses. A partir desses comportamentos, tidos como incomuns, as pessoas com TEA apresentam interesses restritos, com aderência a rotinas e rituais para se estabelecer um padrão de comportamento próprio (Brasil, 2012).

Pessoas com TEA apresentam, necessariamente, deficiência em todos esses três aspectos: (1) comunicação, (2) interação e (3) padrões restritivos e repetitivos de comportamento. A partir da verificação dessas características de uma forma significativa e persistente, pode existir um diagnóstico de TEA.

Tal diagnóstico é feito clinicamente por profissionais capacitados, como neuropsicólogos, médicos neurologistas e/ou médicos psiquiatras, pela verificação das características supramencionadas por meio da aplicação de testes neuropsicológicos e sessões de psicoterapia.

A partir dos resultados dos testes neuropsicológicos, é gerado um relatório que deve ser encaminhado ao médico responsável para a confecção de laudo médico comprobatório da condição.

As pessoas que se encaixam nessas condições apresentam deficiência em áreas da vida relacionadas à comunicação verbal e não-verbal usada para interação social, assim como ausência (ou carência significativa) de reciprocidade

social. Também se verificam comportamentos sensoriais incomuns ou comportamentos motores e/ou verbais estereotipados (Brasil, 2012).

Tais indivíduos com TEA podem apresentar diferentes níveis de suporte (níveis 1, 2 ou 3), sendo esses níveis existentes para diferenciar a dimensão de auxílio que essa pessoa necessita para vivência em sociedade. Auxílio esse que normalmente provém de uma rede de apoio indispensável para a pessoa com deficiência.

A partir dessas constatações, é necessário que o Estado regule sobre garantias mínimas de proteção à pessoa com autismo. Por isso, instituiu-se a Lei 12.764/12, mais conhecida como Lei Berenice Piana, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

A Lei Berenice Piana é uma das ferramentas existentes que propiciam as diretrizes padronizadas para a proteção desses indivíduos. Nessa, é determinado o direito das pessoas com autismo ao diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento pelo Sistema Único de Saúde; o acesso para educação e a proteção social; ao trabalho e aos serviços que propiciem a igualdade de oportunidades. Entre suas diretrizes estão o crescimento da inserção deste segmento no mercado de trabalho, assim como o diagnóstico precoce e o tratamento adequado.

Pode-se também listar outros exemplos de iniciativas estatais de proteção à pessoa com autismo, tais como: Lei 13.370/16, que reduz a jornada de trabalho de servidores públicos com filhos autistas, extinguindo a necessidade da compensação ou redução de vencimentos para os funcionários públicos federais que são pais ou responsáveis legais de pessoas com TEA; a Lei 8.899/94, que garante a gratuidade no transporte interestadual a pessoa autista que comprove renda de até dois salários mínimos; a Lei 8.742/93: a lei orgânica da Assistência Social (LOAS), que oferece o Benefício da prestação continuada (BPC); a Lei 7.611/11, a qual dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional

especializado; e a Lei 10.048/00, que dá prioridade de tratamento as pessoas com deficiência; dentre outras.

Em 2020 a lei 13.977 (conhecida como lei Romeo Mion) foi instituída, por conseguinte a carteira de identificação da pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Além disso, o Plano Educacional Individualizado (PEI), que é um documento elaborado pelo professor para um aluno com necessidade educacional específica, fortalece a luta por uma educação inclusiva. Os pilares do PEI são: (1) A Educação Interdimensional, (2) A pedagogia da Presença, (3) os quatro pilares da Educação para o século XXI e (4) O Protagonismo Juvenil.

O primeiro pilar, (1) Educação Interdimensional, permite que duas disciplinas se integrem e se complementem. No caso do bilinguismo, isto de fato acontece. Outro pilar é a (2) Pedagogia da Presença, que permite ao professor criar um vínculo afetivo e mediador, como consequência, haverá conexão e parceria e assim troca de saber, de ideias e afeto. Também estão aqui (3) quatro pilares da educação para o século XXI: Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser. Indubitavelmente a Zona de Conhecimento Proximal cabe aqui. Existem elementos de suma relevância para esse procedimento tão comum nas aulas de inglês, que é o trabalho em pares. O (4) Protagonismo Juvenil é o poder dos jovens de transformar a sociedade, escutar o outro, ter empatia. O aluno aqui reconhece o quanto ele pode ser responsável pelo seu processo de aprendizado.

Tais proposições pela parte do Estado tem vigência de maneira impositiva, com abrangência nacional, designando proteção a todas as pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

Além das iniciativas estatais, pode-se citar a existência de iniciativas privadas não compulsórias que trazem amparo e auxílio à pessoa com deficiência, assim como à sua família e/ou representantes legais.

Alguns exemplos destas iniciativas privadas são espaços de diferentes segmentos, assim como unidades hospitalares, shoppings, parques, museus, que proporcionam um local seguro com a finalidade de amenizar sobrecarga sensorial e proporcionam conforto para autorregulação.

## **ENSINO INCLUSIVO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA CRIANÇAS COM AUTISMO**

A Constituição Federal Brasileira (1988) institui a educação como Direito Humano Universal, ou seja, deve ser acessível e disponível a todos, sem distinção de idade, gênero, raça, ou quaisquer outros marcadores histórico-econômico-sociais.

Desta forma, a pessoa com deficiência deve ser incluída em tudo o que diz respeito à sua educação, sendo tratada de maneira compatível à sua necessidade, como estabelece a Constituição Federal Brasileira de 1988. O Estado tem a educação inclusiva como obrigação, e, por consequência, as escolas particulares também devem seguir esse padrão de inclusão social para com as pessoas com deficiência (Brasil, 1988).

Muito há de ser feito em termos de inclusão. Todavia muito se tem avançado em relação ao cérebro bilíngue e o autismo.

Segundo Daniel Goleman (2011) para o cérebro pensar bem, é necessário o bom equilíbrio das emoções. Tal equilíbrio das emoções, nas pessoas com autismo, envolve um processo de autorregulação, muito singular de cada indivíduo. Condições favoráveis ao bom equilíbrio das emoções aqui se traduzem em ambientes calmos, sem tanto barulho, sem maiores resistências aos comandos da sala de aula e do professor.

Não se pode dissociar o quanto o estar bem afeta diretamente as condições no aprendizado. A presença do lúdico e do sensorial, em conjunto com o afeto, influenciam no ensino de uma língua estrangeira, afetando diretamente na apreensão da matéria.

Sobre afeto, Cunha (2013, p. 100) afirma que "afeto é instrumento pedagógico que auxilia a memória e a cognição." Em termos de aprendizado,

práticas que se utilizam de pares, com instruções curtas, claras é possível observar uma resposta satisfatória em termos de aprendizado e cognição.

Eugênio Cunha (2013) afirma que:

Cargas afetivas provocam milhões de conexões nervosas em nosso cérebro e lá estão presentes desde o nascimento. Ao consumir o afeto, o cérebro recompensa o corpo, por meio de liberação de impulsos químicos que trazem a sensação de prazer e de alegria. Cabe aos professores mediadores preparar um ambiente rico em termos visuais, sem excessos e é aqui que nós usamos o bom senso, pois o que for demasiado pode interferir de forma nociva no aprendizado do aluno. Considerar o sensorial como sendo primordial. Adicionar elementos com texturas, pop-it, bolinhas antiestresse. Respeitar o momento do aluno, pois existem aqueles que usam a esquiva, que faz com que o aluno, corra e fuja. Não é hora de repreender aqui é preciso entender, apoiar e logo que possível retomar. (Cunha, 2013, p. 100)

Assim, considera-se essencial para o processo de aprendizagem os elementos de afeto. A partir deles, o corpo apreende a matéria de forma satisfatória, utilizando-se de diferentes métodos de ensino para incluir todos da turma.

Trata-se aqui de educação inclusiva, em que o professor mediador se utiliza de diferentes abordagens com a finalidade de proporcionar uma igualdade de oportunidades de aprendizado e igualdade de possibilidades dentro do ambiente escolar.

Dentre as abordagens possíveis a serem utilizadas, considera-se: (1) o foco na rotina da turma, na qual se antecipa as possibilidades de acontecimentos, explicando cada possibilidade na medida do possível; (2) buscar fazer uso de textos em um padrão de tamanho que não ultrapasse um limite aceitável, assim como utilizar-se de sentenças curtas nas explicações e tópicos para melhor entendimento; (3) o estímulo à arte produzida e performada pelos próprios alunos.

Cada uma dessas abordagens traz leveza ao ambiente de sala de aula, assim como incluem as pessoas neurodivergentes de maneira a influenciar a participação, e não apenas a incluir os alunos como meros expectadores.

Paulo Liberalesso (2022) defende que

Quando no cérebro a língua se expande, no caso o português, os neurônios se estruturam e o português impregna, o cérebro busca na

língua errada as respostas. Quando bebês e crianças aprendem a falar, esse processo acontece no sulco temporal superior. É ali que acontecem e registram-se bancos de palavras. Refiro-me ao lóbulo temporal no hemisfério esquerdo, mais precisamente no sulco temporal superior. Aqui existe um ponto mínimo onde a primeira língua, fica impregnada. Ao ter contato com a segunda língua, ali em volta ela também fica registrada, conclui-se que o cérebro busca no lugar errado, ou seja, ao invés de se falar maçã, fala-se apple. Isso acontece no cérebro de típicos e atípicos. Evidenciando isso, vemos que apesar de ser considerado um erro, é benéfico para a plasticidade do cérebro. (Liberalesso, 2022).

Fátima Kwant (2016), especialista em Autismo, autora e escritora de vários artigos, afirma que “o bilinguismo de crianças autistas compensa, parcialmente, os déficits na Teoria da Mente e nas Funções Executivas”. Fátima afirma que pesquisas revelam que o bilinguismo é como uma ginástica para o cérebro, proporcionando superações em diversas áreas da vida da pessoa com autismo.

De acordo com Ayub (2023), o bilinguismo, quando aplicado para pessoas com autismo, era considerado um erro até a década de 1980. Fugindo dessa ideia, hoje pode-se entender que todo e qualquer interesse da pessoa com TEA deve ser levado em consideração e utilizado como ferramenta de aproximação e compreensão.

Figueiredo (2019) afirma que, o bilinguismo auxilia as crianças a superarem vários aspectos do TEA.

Um aspecto essencial de aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (VYGOTSKY, 1996, p. 60-61 *apud* FIGUEREDO, 2019, p. 128).

O desenvolvimento independente da criança é primordial para que ela aprenda como viver em sociedade de maneira autônoma.

Para que esse crescimento autônomo seja possível, há a necessidade de um suporte educacional para a promoção de interação social na escola, na família e demais ambientes. Dessa maneira Cunha (2015, p. 80, 81) afirma que a criança com autismo necessitará adquirir:

§1º Compreensão da linguagem para sua utilização: a fala é uma forma de linguagem, mas, se houver dificuldades nesta área, poderão ser



utilizados outros recursos de comunicação(..) que devem ser estimulados juntamente com a fala.

§2ºHabilidades de letramento: mesmo diante das limitações de autismo, o professor deve propiciar as possibilidades de acesso a todos os saberes possíveis.

§3ºHabilidades com diferentes meios de comunicação: pode ser que o autista não domine amplamente uma linguagem e necessite de outros recursos comunicativos.

§4ºCapacidade para superar frustração e a irritabilidade que podem advir das dificuldades de comunicação: é normal o autista ficar irritado por não conseguir expressar o que pensa. É crucial para ele, como aprendente, que o professor o compreenda e o ajude nestas horas. A primeira maneira de ajudá-lo é procurar entender o modo como ele se apresenta. (Cunha, 2015, p. 80-81).

Cada uma dessas habilidades traz ao aluno (típico ou atípico) maior autonomia em seu aprendizado, assim como fortalece vínculos interpessoais e instiga a interação entre todos.

## **ESTUDO DE CASO**

Foi desenvolvido um estudo de caso em uma escola particular de ensino infantil, na qual se aplica o ensino bilíngue. Nessa escola, as aulas são ministradas em inglês, tendo como foco a interação, a socialização e a prática oral da língua estrangeira. No case em questão, os alunos são dispostos em pares, para a consecução dos objetivos de aula. Desta maneira, este estudo de caso dependeu não só de alunos, mas do professor e principalmente dos colegas de classe: os pares.

Ao longo de um mês, foram analisados os métodos de ensino da língua inglesa em sala de aula para com crianças com autismo, verificando-se não somente os materiais a serem utilizados, mas também a possibilidade de desenvolvimento dessas crianças para com a matéria ensinada e para com sua possível interação com seus pares.

Nesta pesquisa foram observados aspectos comuns a crianças com autismo como a repetição de vídeos e o interesse pelo concreto e lúdico. Considerando a importância da rotina das aulas, da contação de histórias, jogos e vídeos, foi possível verificar a necessidade do professor incentivar a interação

em pequenos diálogos trocados durante a roda ao iniciar a aula. Desta maneira, o método se torna mais inclusivo, visto a necessidade de concretude nas explicações, assim como a necessidade de rotina.

Nesse sentido, “não é a dificuldade que criança tem que a define, mas o modo como é vista, a escola para o aluno com TEA, é fundamental uma vez que ele depende desta para seu desenvolvimento, isso é uma das condições concretas da aprendizagem. (Vygotsky, 1997 p. 285 *apud* NASCIMENTO, 2013). Assim, mostra-se a importância da comunicação efetiva entre aluno atípico, professor e colegas típicos: estabelece-se uma comunicação abrangente para uma aprendizagem efetiva.

As metodologias ativas se demonstraram efetivas na aprendizagem da língua inglesa. A constância de elementos, repetição para internalizar vocabulário, uso de cartazes ricos em elementos visuais, elementos concretos e contextualizados, são facilitadores do processo de aprendizagem.

Os jogos e o lúdico em salas de aula, passam a facilitar um aprendizado diferenciado, onde existe a socialização e a possibilidade de se conhecer outra cultura a partir da linguagem.

Os jogos se demonstraram relevantes, ressaltando a funcionalidade do brincar. Na dinâmica dos jogos, os alunos são protagonistas, seguem regras e normas previamente ditas, ampliam o vocabulário relacionado.

Jogos de memória demonstraram maior eficácia para a construção de vocabulário, tanto durante as partidas quanto nas aulas seguintes, com revisão e prática.

Segundo Piaget (1997) o jogo não pode ser visto apenas como um divertimento ou brincadeira para gastar a energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, moral e motora. Isto porque o aluno necessita desempenhar as habilidades que não desempenharia durante uma aula expositiva: se torna o foco principal em construir seu próprio conhecimento, tendo o professor como mediador.

Piaget (1978, p. 29) afirma que “os jogos de regras são: atividade lúdica do ser socializado”. Os valores e conceitos como ganhar e perder, respeitar a vez, jogar sem trapacear e saber aceitar o jogo e suas regras são a primeira maneira de se aproximar e compreender como se comunicar e interagir, conjuntamente com o aprendizado da língua estrangeira.

Socializar desta forma se torna mais simples aos alunos com TEA, visto que as interações se dão em razão e em consequência de regras preestabelecidas. Desta maneira, se respeita a necessidade de rotina e manutenção de experiências com rituais e situações previsíveis, com jogos contextualizados.

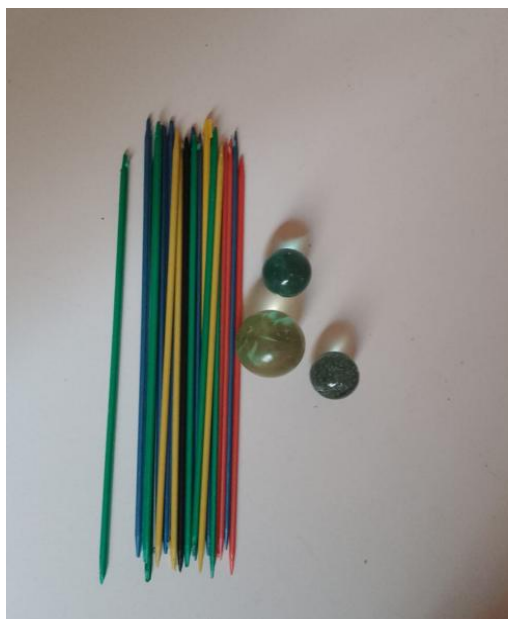
Compreendendo a importância do uso de jogos na educação inclusiva com a intenção de destacar a ludicidade no processo de ensino-aprendizagem, pode-se destacar alguns exemplos utilizados em sala de aula.

Dentre as atividades lúdicas, pode-se citar as que utilizam os blocos de montar. Com eles, as crianças constroem cidades e aprendem vocabulários em inglês sobre aquilo que estão a construir. Nessas brincadeiras, também se utiliza material visual, com figuras úteis e placas com algumas das palavras do novo vocabulário.

O jogo pega varetas exige concentração e coordenação motora, sendo ele utilizado para o aprendizado de cores, números (quando usados para contagem) na língua estrangeira. Também pode ser usado para formar *shapes* (formas, em inglês) com diferentes cores e quantidades de varetas. O inglês é trabalhado em sua plena oralidade e evita-se se comunicar usando a língua portuguesa.

Bolinhas de gude podem ser usadas no aprendizado de números, para contagem e também como jogo competitivo, incentivando a interação interpessoal. Tais jogos são concretos, táteis.

Figura 1: Jogos pega varetas e bolinhas de gude.



Fonte: Registro da Autora, 2023.

Outro jogo que incentiva o desenvolvimento do raciocínio rápido e a percepção tátil é o jogo da memória. Em conjunto com tais estímulos, aprende-se o saber perder e saber ganhar: estimula-se a competição.

Figura 2. Jogo da Memória



Fonte: Registro da Autora, 2023.

A gama de vocabulário e novas palavras que são empregadas aumenta com o uso de expressões como *my turn* (minha vez, em inglês), *repeat* (repita, em inglês), *next* (próximo, em inglês), entre outras.

Para que o vocabulário utilizado em sala de aula seja atrativo ao aprendizado, a metodologia estudada também recorre a enfatizar o hiperfoco dos alunos com TEA. Um hiperfoco recorrente entre essas crianças é o tema “dinossauros”. A partir disso, acrescenta-se uma história, com ou sem música ou cartões de figuras agregados, contextualizando o tema a uma situação de interesse pela ludicidade. Busca-se evitar muita carga ou informações novas, mantendo o conteúdo e matérias dentro daquilo que se sentem confortáveis.

Figura 3. Objetos com tema dinossauro.



Fonte. registro da autora, 2023.

Nesta toada, Kishimoto (2001, p.18) afirma que

o brinquedo supõe uma relação íntima com o sujeito, uma indeterminação quanto a ausência de regras. O jogo pode ser visto como um sistema linguístico dentro de um contexto social, um sistema de regras, um objeto. Além disto o jogo também facilita a interação, a curiosidade, e o sentimento de ganhar ou perder e aceitar. Vivenciar, seria praticar e guardar essa prática como parte de um processo cognitivo (Kishimoto, 2001, p. 18)

Desta forma, Kishimoto (2001) coloca o jogo como um facilitador da interação, uma parte importante no crescimento de uma criança. Trata-se de uma ferramenta auxiliar no desenvolvimento dos indivíduos com Transtorno do

Espectro Autista, que passam a aprender de forma lúdica, respeitando sua maneira de ver o mundo e vivências únicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa desenvolvida demonstrou em seus resultados que o ensino e a aprendizagem da língua inglesa podem contribuir no processo cognitivo e social do aluno com TEA, visto que a aprendizagem do idioma pode ajudar a criança interagir e socializar-se com as demais ao seu redor.

Os elementos visuais e táteis inclusos no método de ensino estudado demonstraram-se úteis às dinâmicas de sala de aula, trazendo interações diversas. Desta maneira, motiva-se a criança com movimentações diferentes do usual, ainda protegendo seu ambiente com a rotina e repetição de padrões.

Cabe aos professores mediar e preparar, com atenção individualizada e um trabalho minucioso. Trabalho esse também colaborativo, aliando escola e família desde o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista.

O concreto vem em jogos bem ilustrativos e em elementos que devem estar presentes nas salas de aula na forma de brincadeiras diversas, elementos para contagem.

Essa metodologia favorece não só o ensino bilíngue, mas também o aprendizado das crianças com autismo, por meio do brincar. Adapta-se o material comumente utilizado, muitas vezes aproveitando o hiperfoco da criança com autismo para seu desenvolvimento escolar.

Usando elementos visuais contextualizados, pares, empenho, criatividade e compromisso do professor mediador, e contando sempre com afeto e a conexão, as chances de um aprendizado rico e gradativo são maiores do que não utilizar dessas medidas. É através do vínculo, da afetividade, que se estabelece o processo de aprendizagem tanto para crianças típicas quanto para as atípicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYUB, P. **Meu filho é nível 3 de suporte e fala inglês**. Canal autismo. 8 set, 2023. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/artigos/meu-filho-e-nivel-3-de-suporte-e-fala-ingles/>. Acesso em: 21 nov, 2023.

CUNHA, E. Autismo e inclusão. **Psicopedagogia e práticas educativas na escola e família**. 6 ed Rio de Janeiro. Walk Ed, 2015.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Tradução Marcos Santarrita. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KISHIMOTO, T. M. **O Jogo e a educação infantil**. KISHIMOTO, T. M. (Org,) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2001.

KWANT, F. **Autismo e o processamento sensorial** – os cinco sentidos mais. Autimates. Jun, 2023. Disponível em: <https://www.autimates.com/autismo-e-o-processamento-sensorial-os-cinco-sentidos-mais/>. Acesso em: 12 nov, 2023.

LIBERALESSO, P. **Por que meu filho autista fala em inglês?**. *Youtube*, 22 abr 2022.

NASCIMENTO, A. **Estudos sobre a história do comportamento: Símios, Homem Primitivo e Criança**. Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 24, n. 1, p. 235–238, 2013. DOI: 10.14572/nuances.v24i1.2158. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2158>. Acesso em: 11 nov. 2023.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. 3 ed. Rio de Janeiro; Zahar, 1978.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

THEODO, T. **Crianças Com Autismo Podem Aprender Inglês? Veja a Resposta!**. Cambly Brasil. 20 jan, 2022. Disponível em:

<https://brasil.cambly.com/criancas-com-autismo-podem-aprender-ingles-veja-a-resposta/>. Acesso em: 21 nov, 2023.

TYRA, N. **A questão do bilinguismo como uma ferramenta de acessibilidade e inclusão na educação.** Revista Multilingue de Lengua, Sociedad y Educacion. v. 3. Dez 2021.